



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MARIA LUZINETE GOMES BARRETO FEITOSA

ÁLBUM DE FAMÍLIA RASGADO: como são feitos os remendos sociais?

**CATOLÉ DO ROCHA/PB
2019**

MARIA LUZINETE GOMES BARRETO FEITOSA

ÁLBUM DE FAMÍLIA RASGADO: como são feitos os remendos sociais?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Professor Dr. Jairo Bezerra Silva

CATOLÉ DO ROCHA/PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B273a Barreto, Maria Luzinete Gomes.
Álbum de família rasgado: como são feitos os remendos sociais? [manuscrito] / Maria Luzinete Gomes Barreto. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Incesto. 2. Nelson Rodrigues. 3. Tragédia. I. Título
21. ed. CDD B869.3

MARIA LUZINETE GOMES BARRETO FEITOSA

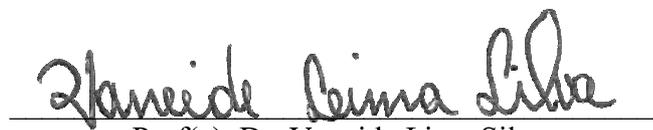
ÁLBUM DE FAMÍLIA RASGADO: como são feitos os remendos sociais?

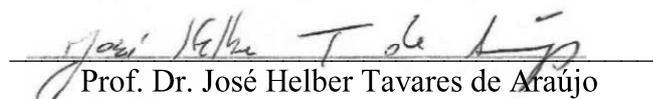
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba -
UEPB, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof(a). Dr. Vaneide Lima Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe (*in memoriam*) semente de
esperança!

Ao meu pai, esposo, filhos e netos e à família
em geral.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o Dom da Vida, me ajudando com a sua infinita bondade, por ser meu refúgio, minha fortaleza, em quem deposito toda minha confiança.

Ao professor Jairo pela orientação e dedicação para com este trabalho.

Ao meu pai, Rui Barreto, à minha mãe, Maria do Céu (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao lado sempre, dando-me forças.

Ao meu esposo Ubiracy Feitosa, sempre me incentivando, como também aos meus filhos e netos.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras da UEPB, os quais contribuíram ao longo desses anos de curso por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Neto, Sostenes e Sandra, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“A virtude pode ser muito bonita, mas exala um tédio homicida e, além disso, causa as úlceras imortais.”

Nelson Rodrigues, 1997, p.178

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	TRAJETÓRIAS DE NELSON RODRIGUES.....	09
3	ÁLBUM DE FAMÍLIA RASGADO E ESFARRAPADO.....	14
4	A FALECIDA E TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA: comparações.....	18
5	CONCLUSÃO.....	20
	REFERÊNCIAS.....	21

ÁLBUM DE FAMÍLIA RASGADO: como são feitos os remendos sociais?

Maria Luzinete Gomes Barreto Feitosa¹

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar a obra procurando verificar de que maneira o incesto se configura na narrativa de *Álbum de Família* de Nelson Rodrigues, que é rica para a elucidação da problemática moral e social. Recorrendo a personagens, situações ou motivos que colocam o conflito com uma estrutura sempre presente na existência, o dramaturgo construiu um abrangente mapeamento da moral na sociedade brasileira, incesto é o tema central desta obra. As características marcantes do texto e dos personagens se dão por motivações sociais e economicamente particulares do nosso país. Este método de análise da trama foi escolhido devido ao fato de nos auxiliar numa investigação aprofundada sobre o incesto. Este trabalho está dividido em três partes principais: na primeira parte, são apresentados os elementos pré textuais e a introdução. Na segunda parte, são apresentados o enredo e a trama de *Álbum de Família* e a trajetória de Nelson Rodrigues. Na terceira parte, é realizado um estudo comparativo entre as obras de Nelson Rodrigues: *Álbum de Família*, *A Falecida* e *Toda Nudez Será Castigada*. No entanto, os valores familiares, principalmente a fidelidade conjugal, são estreitamente ligados à moral católica. Devido aos temas tabus, como o incesto, a traição e a tragédia se classificou como criador de um teatro “desagradável”.

Palavras-Chave: Incesto. Nelson Rodrigues. Tragédia.

TORN FAMILY ALBUM: how are social patches made?

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the work trying to verify how incest is configured in Nelson Rodrigues' Family Album narrative, which is rich for the elucidation of moral and social problems. Resorting to characters, situations or motives that put conflict with a structure always present in existence, the playwright constructed a comprehensive mapping of morality in Brazilian society, incest is the central theme of this work. The striking characteristics of the text and the characters are due to social and economic reasons of our country. This method of plot analysis was chosen because it would aid us in an in-depth investigation of incest. This paper is divided into three main parts: in the first part, the pre-textual elements and the introduction are presented. In the second part, the plot and the plot of Family Album and the trajectory of Nelson Rodrigues are presented. In the third part, a comparative study is carried out between the works of Nelson Rodrigues: Family Album, The Deceased and All Nudity Will Be Punished. However, family values, especially marital fidelity, are closely linked to Catholic morality. Due to the taboo themes, such as incest, betrayal and tragedy, he classified himself as the creator of an "unpleasant" theater.

Keywords: Incest. Nelson Rodrigues. Tragedy.

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.
Email: mglbarreto40@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é o de analisar a obra *Álbum de Família*, de Nelson Rodrigues, procurando verificar de que maneira o incesto se configura na narrativa, que discute desejos e experiências que são socialmente produzidos como reprováveis, uma vez que os mesmos são considerados valores “pétreos” da moral coletiva. Nosso interesse em estudar essa obra surge como uma vontade de ver por uma forma não convencional os valores sociais aprovados enquanto legítimos e padronizados. Consideramos que o estudo dessa obra representa uma articulação direta com os fundamentos de uma literatura provocativa e que continua a ser atual e de alta importância para o entendimento dos padrões socialmente tidos como “pornográficos” e, na maioria das vezes, não aceitos e alvejados de maneira simbolicamente violentos.

Álbum de Família, de Nelson Rodrigues é uma projeção que retrata a história de um casal de primos casados, Jonas e Senhorinha. Seus desejos sexuais estão voltados tão somente para os filhos, cuja repercussão representa a manifestação do incesto. Nonô, o filho mais velho, enlouqueceu por não vivenciar o incesto em relação ao desejo pela mãe. O filho do meio, Edmundo, volta para casa, pois não é capaz de desejar sua esposa, seu desejo também pertence exclusivamente à mãe. Já Guilherme, o mais jovem, foi para o seminário e lá se mutilou, arrancando seus órgãos genitais, por não suportar o desejo por sua irmã. O pai (Jonas) desvirgina “todas” as mocinhas das redondezas pensando na filha, Glória, e esta ensaia um amor homossexual, mas é incapaz de livrar-se dos pensamentos do pai. Ainda temos a Tia Rute, irmã de Senhorinha, a feia, a quem ninguém desejou, só Jonas num momento de embriaguez, por isso tem por este maior devoção. Enfim, desejo incestivo, traição, ódio, morte e loucura movem a trama.

Este estudo de cunho teórico bibliográfico da trama foi por nós escolhido devido ao fato de o mesmo ser capaz de nos auxiliar numa investigação sócio antropológica também referente ao incesto enquanto ponto que sobressai na obra em análise. Este trabalho encontra-se dividido em três partes principais. Na primeira parte, apresentamos os elementos pré textuais e a introdução. Já na segunda parte do trabalho, apresentamos a trajetória de vida de Nelson Rodrigues, bem como o enredo da trama e as suas sinuosidades. Na terceira parte, apresentamos uma comparação entre os vieses das obras de Nelson Rodrigues: *Álbum de Família*, *A Falecida* e *Toda Nudez Será Castigada*, nas quais o incesto e a traição são tragédias recorrentes.

2 TRAJETÓRIAS DE NELSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues (1912-1980) escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro. Foi reconhecido pelas três funções. Filho do também jornalista Mário Rodrigues e de Maria Esther Falcão. Revolucionou o teatro com as peças, "*Vestido de Noiva*", "*Boca de Ouro*", "*A Falecida*", "*Toda Nudez Será Castigada*", entre outras. Teve a carreira marcada pela crítica, ao explorar a vida cotidiana do subúrbio carioca, com crimes, incestos e diálogos carregados de tragédia e humor.

Nasceu na cidade do Recife, Pernambuco, no dia 23 de agosto de 1912, o quinto de quatorze irmãos. Aos cinco anos de idade, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, o pai fugia de perseguições políticas na época (MARTINS, 2018). Começou a trabalhar aos 13 anos como repórter policial no jornal "A Manhã", o mesmo foi fundado por seu pai. No ano de 1929, depois de perder o jornal para seu sócio, seu pai funda o jornal "A Crítica", local onde aconteceria o assassinato do irmão, o ilustrador e pintor Roberto Rodrigues. (CORRÊA, 2011)

No ano de 1936, seu irmão Mário Filho, cronista esportivo, se torna sócio do Jornal dos Sports, onde Nelson fazia contribuições sobre futebol. Passando, passou a escrever para o Correio da Manhã, O Jornal, Última Hora, Manchete Esportiva e Jornal do Brasil. Casou-se com Elza Bretanha em 1940. Cinco anos depois, passa a trabalhar no "O Jornal", do grupo de Assis Chateaubriand. (VOGEL, 1997)

Sua primeira peça "*Mulher Sem Pecado*", foi escrita no ano de 1942, apresentada no Teatro Carlos Gomes. No ano seguinte (1943), o Teatro Municipal do Rio de Janeiro torna-se o palco do aparecimento do teatro brasileiro moderno, com a montagem de sua segunda peça, "*Vestido de Noiva*", com o grupo Os Comediantes, e direção de Ziembinski. (FRAZÃO, 2016)

No entanto, com o pseudônimo de "*Suzana Flag*", Nelson escreve "*Meu Destino é Pecar*" (1944), sendo publicado como folhetim de 38 capítulos em O Jornal, e lançado como livro no mesmo ano. Como "*Suzana*", ele também escreve "*Escravas do Amor*" (1944) e "*Minha Vida*" (1946), uma autobiografia da personagem (MOREIRA, 2016). Ainda nesse ano, escreve "*Álbum de Família*", que trata de um incesto, obra censurada e só liberada duas décadas depois. (RODRIGUES, 1994a)

O jornalista Samuel Wainer fundou o jornal "Última Hora" no ano de 1951, no qual muitos dos irmãos de Nelson Rodrigues trabalharam, incluindo as mulheres, e no qual Nelson

publicou “*A Vida Como Ela É*”, uma série de crônicas escritas na coluna diária do jornal. (VOGEL, 1997)

Desde seu primeiro texto, Nelson Rodrigues foi considerado um imoral, entretanto, moralista, um gênio que escandalizava o público e a imprensa especializada, diante de seus textos que giravam em torno de adultérios, de pecados e de escândalos. Sua peça “*Senhora dos Afogados*” (1954) foi censurada e só liberada sete anos depois. (VOGEL, 1997)

Tem sua estreia como ator no papel de “*tio Rauf*”, no ano de 1957, um dos personagens da peça “*Perdoa-me Por Me Traíres*”, encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. No ano de 1960, a peça “*Boca de Ouro*”, com o universo da reportagem policial, chega aos palcos, no Teatro da Federação (atual Teatro Cacilda Becker). No ano de 1961 estreou “*O Beijo no Asfalto*”, com grande elenco, que ficou sete meses em cartaz no Teatro Ginástico. (LIMA, 2016)

No ano de 1963 Nelson se separa de Elza Bretanha, com quem esteve casado desde o ano de 1940, e com quem teve dois filhos. Viveu um relacionamento com Lúcia Cruz Lima, que gerou a filha Daniela, e depois com Helena Maria. Estreia “*Bonitinha, Mas Ordinária*”, com o filho Joffre como um dos produtores. Estreando também a primeira telenovela escrita por um ator brasileiro, “*A Morta Sem Espelho*”, e depois, “*Pouco Amor Não é Amor*”. No ano de 1965 escreve a polêmica “*Toda Nudez Será Castigada*”. (FRAZÃO, 2016)

Foi diagnosticado com duas úlceras e complicações no esôfago, pâncreas, pulmões e coração no ano de 1970. Foi operado e teve broncopneumonia, uma parada respiratória e um enfarte. No ano de 1973, “*Toda Nudez Será Castigada*” (MARTINS, 2008) é levada ao cinema, com direção de Arnaldo Jabor, ganha o Urso de Prata no Festival de Berlim e é premiada no primeiro Festival de Gramado. Em seguida (1974), estreia a peça “*Anti-Nelson Rodrigues*”. (RODRIGUES, 1994b)

Uma crônica de *A Vida Como Ela É*, intitulada “*A Dama do Lotação*”, estreia no cinema em 1978, com a atriz Sonia Braga. Após dez dias internado, falece no Rio de Janeiro no dia 21 de dezembro de 1980 Nelson Falcão Rodrigues. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São João Batista. Por seus temas polêmicos, Nelson era muito criticado pelos religiosos, em especial o arcebispo Dom Hélder Câmara. (RODRIGUES, 2012)

O autor “apoiava” a ditadura militar, regime que chegou a torturar um de seus filhos. “Conservador” nos ideais políticos, deixou marcas revolucionárias em suas obras, modificando assim a dramaturgia nacional. Não chegou a se candidatar a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, apesar do desejo. Nelson pode ser classificado como um autor

do modernismo, geração de 45. Também fizeram parte do movimento literário: Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto. (PORTO, 2008)

Quanto ao estilo, o escritor apostava na linguagem coloquial para escrever suas peças e crônicas. Retratava assim, a realidade de forma clara e sem eufemismos. O erotismo também era muito presente em seus textos, o que causou muita polêmica e censura. Entre as principais obras, estão “*Anjo Negro*”, “*Vestido de Noiva*”, “*Álbum de Família*” e “*O Beijo no Asfalto*”.

Além da leitura, Nelson Rodrigues abrangia e citava outros tipos de arte e entretenimento, como a pintura (Michelangelo); a televisão (um dos seus principais interlocutores era o humorista Jô Soares); o cinema - obsessivamente citava o *Love Story*, e *Ben Hur* (RODRIGUES, 1993, 2002); a música - conhecia do samba ao clássico (volta e meia se referia aos europeus com wagnerianos), mas sua preferência era por óperas, chegando até a escrever um período sobre elas; e, especialmente, o teatro, por motivos claros. (FACINA, 2004)

Contudo, o conhecimento de Nelson era ajustado também na cultura oral. Como o período e o recinto em que vivia beneficiavam a comunicação e vivências com outros intelectuais e artistas (PRATT, VESCIO; SANTOS, 1999, p. 97-142), sabia de modo excepcional utilizar do informal contato com essas pessoas para construir seus textos. Uma frase de momento numa conversa de bar, uma declaração numa crônica, uma conversa por telefone, uma história contada por um terceiro, tudo servia de inspiração para que Nelson construísse os seus textos. (CASTRO, 1992)

Nelson tinha preferência pela leitura dos clássicos da literatura mundial (CAPRARO; SANTOS, 2014). E seus autores eram utilizados, regularmente, como elementos das metáforas referentes à situação nacional. Com esse papel, citou nas suas crônicas, por exemplo, Goethe, Vitor Hugo, Kafka, Eça de Queirós e seu clássico *Os Maias*, além da tradicional obra que guarda a tradição oral dos povos persa e indiano, *As Mil e Uma Noites*. Mas tinha preferência por dois deles: Proust - “Nós inventamos a lentidão. Se isso fosse, em vez de futebol, literatura, que diria eu? Diria que a morosidade é uma virtude proustiana do craque do Brasil. [...] O brasileiro é lento, porque precisa fazer beleza” (RODRIGUES, 1994c, p.182) - e Dostoiévski, seu escritor predileto.

Em relação à literatura nacional, a ocasião era diferente. Nelson continha apreço por escritores que confiavam no Brasil como o país do futuro, no povo brasileiro como um padrão vitorioso e nos que tentavam criar um padrão literário genuinamente brasileiro; utilizava-os, então, como exemplos a serem seguidos (ANTUNES, 2004, p.245-73). Os principais: Olavo

Bilac, um admirador da prática esportiva, apesar de Nelson acentuasse regularmente que não queria “quebrar lanças em prol do estilo, como queria Bilac” (RODRIGUES, 1993, p.89); Euclides da Cunha, citado por atribuir em *Os Sertões* drama à condição do homem brasileiro (RODRIGUES, 1993, p.96); e José do Patrocínio, chamado quando era indispensável demonstrar a obstinação do povo brasileiro, esboçando um paralelo com temas que estavam em voga no início do século. Como nesta passagem, em que Nelson cita José do Patrocínio e este, na imaginação do cronista, citava Shakespeare.

Cada um de nós é um pouco como o Zé do Patrocínio. O “Tigre da Abolição” era suscetível às mais cavas e feias depressões. Sua retórica sempre começava fria, gaguejante. Seus amigos, porém, iam para o meio da massa e começavam a berrar: - “Negro burro, negro analfabeto, negro ordinário!”. E, então, Patrocínio pegava fogo. Dizia coisas assim: - “Sou negro, sim. Deus deu me sangue de Otelo para ter ciúmes de minha pátria”. Para assumir a sua verdadeira dimensão, o escrete precisava ser mordido pelas vaías. Foi toda uma maravilhosa ressurreição. Pelé, maravilhosamente negro, poderia erguer o gesto, gritando: - “Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria”. E assim, brancos ou pretos, somos 90 milhões de Otelos incendiados de ciúme pela pátria. (RODRIGUES, 1994c, p.159-60)

Em compensação, utilizava normalmente da sátira, da crítica ou do desdém em relação aos que, explicitamente, espelhavam-se no modelo europeu ou que tratavam o homem brasileiro de forma pejorativa (RODRIGUES, 1993, 1994c). Machado de Assis, o mais citado, era tratado, apesar de sempre com uma conotação de respeito, como um melancólico nacional, admirador do inglês (RODRIGUES, p.83). Como no excerto em que, habilmente, citava o pessimismo de Machado: “‘Não somos os melhores’, assevera um cronista machadiano”. (RODRIGUES, 1993, p.165)

Quanto as citações dos intelectuais e dos acadêmicos reconhecidos e renomados, eram os casos em que Nelson menos tracejava afeto ou complacência. Embora de ter lido, ou pelo menos conhecido os escritos dos vultos da “intelligentsia” nacional e mundial, o cronista se arranjava nitidamente contrário aos grandes modelos teóricos/explicativos que, segundo ele, possuíam pouca serventia para o povo (CASTRO, 1992). Assim pensava em relação à filosofia marxista:

[...] Sartre, o grande Sartre, andou por aqui e disse coisas de que se envergonharia [...]. Podia dizê-las, porque era Sartre. Por exemplo, afirmou o grande homem: - “o marxismo é inultrapassável”. [...] daqui a quinze minutos, o marxismo pode estar ultrapassado por coisa muito melhor. (RODRIGUES, 1993, p.173)

Exceto Gilberto Freyre, o qual aguçava apoio ao modelo teórico formulado (FREYRE, 1964, 1968) e uma nítida afeição pessoal, materializada, até mesmo em alguns prefácios

(FREYRE, 1977), Nelson deixava claro que era preconceituoso quanto ao grupo de intelectuais brasileiros. Até mesmo, uma de suas iniciativas era tentar diferenciar estes intelectuais do povo. Sendo uma das suas táticas literárias, justamente afirmar que intelectual não gostava de futebol - ou seja, para o cronista, seriam estes tipos os verdadeiros alienados. (RODRIGUES, 1993, 1994c)

Porém, os cronistas, literatos e outras personalidades que Nelson prezava e faziam parte do seu círculo de relacionamento, até alguns poucos contrários ao seu típico otimismo em relação à nação e ao futebol, eram mencionados de maneira afetuosa. Mesmo as divergências eram tratadas de maneira amistosa, na maioria das vezes através de uma sátira sutil (RODRIGUES, 2002, p.14-5). Entre outros, Nelson citava, com mais frequência, fazendo questão de acentuar a amizade: Antônio Callado (escritor), Walter Clark (diretor de TV), Candido Portinari (pintura), Hugo Carvana (ator e diretor), Manuel Bandeira (poeta), Cláudio Mello e Castro (jornalista), Paulo Francis (jornalista), Walther Moreira Salles – que conforme Rodrigues (1993), na brincadeira, era um dos maiores salários do Brasil, mas contava com a sua admiração porque deu apoio financeiro ao desacreditado *escrete* que iria disputar a Copa do Mundo do México em 1970. Mas seus maiores elogios e diálogos, sem dúvida, eram com José Lins do Rego, Armando Nogueira e Gilberto Freyre (o único formulador de uma tese sociológica aceita por Nelson Rodrigues) e, especialmente, seu irmão Mario Filho - o qual era com insistência definido pelo próprio teatrólogo como mentor intelectual. (CAPRARO; SANTOS, 2014)

Citava mais o contato pessoal, os diálogos, os encontros, as histórias e casos a respeito dos mesmos do que propriamente citar os seus textos. Todavia tinha um em especial que Nelson citava quase que frequentemente - “[...] como todo cronista, eu tenho o meu boi de Túnis [fazendo analogia à obra *Os Maias* de Eça de Queirós]. Ele se chama Otto Lara Resende” (RODRIGUES, 1993, p.100). Compreendendo que o escritor não se interessava por futebol, Nelson Rodrigues vivia questionando a sabedoria do amigo, como numa passagem onde dizia que no único jogo que o amigo assistiu, questionava: “- Quem é a bola?”. (RODRIGUES, 1994c, p.88)

Incluídos os seguintes acontecimentos: uma produção regular por décadas, a obsessividade ao tratar os temas e a significativa popularidade, pode-se deduzir que Nelson colaborou substancialmente para a popularização da literatura nacional e mundial, das teorias explicativas (apesar quase sempre criticadas) e dos seus próprios pares. E tinha plena consciência disso. (CAPRARO; SANTOS, 2014)

3 ALBUM DE FAMÍLIA RASGADO E ESFARRAPADO

Em *Álbum de Família*, do autor Nelson Rodrigues, é apresentado o cotidiano de uma família aparentemente comum, formada pelo casal, os quatro filhos e a tia solteirona. O amor e o ódio entre eles é marcante, uma família que foge dos padrões e valores da sociedade, a desagregação familiar, a desestruturação do lar, vivência conflitos marcados pelas traições dos “líderes” da família o aspecto marcante desta família é o incesto.

A religiosidade também possui presença marcante, como se servisse de fachada para esconder o pecado, a hipocrisia, a “imoralidade”. O incesto, considerado um grande tabu da humanidade, entretanto, o tabu sem a sua relação com os conteúdos culturais do homem não possui definição nem em si mesmo, nem tão pouco, para o conhecimento científico, em particular ao antropológico, no entanto, este conhecimento é de fundamental importância devido a sua função nas relações humanas, indubitavelmente sobre a relação entre as dimensões do homem entre ser social e natural. (PONTES, 2004, p. 8)

Nessa perspectiva, Levi-Strauss (1976) realizou um importante estudo sobre o incesto apresentando como o homem constrói as relações, desde a sociedade primitiva, estruturas para prevenir relações que, de maneira inata na consciência humana não são coerentes com sua própria razão. Para este mesmo autor o incesto é uma relação proibida por todos os povos em todas as épocas de modos diferentes, mesmo considerando a diversidade cultural e étnica.

Lévi-Strauss (1988, p. 42) afirma que:

A proibição do incesto apresenta, sem menor importância equívoco e indissolúvel, atendendo à dois caracteres em que reconhecemos os atributos contraditórios de duas ordens excludentes: constituem uma regra, mas a única regra é a organização social que tem ao mesmo tempo uma universalidade.

Deste modo, a proibição do incesto coloca em questão todo o procedimento de construção da maneira como o homem relaciona-se com o outro sexo, e como que “instintivamente” designa elementos de ética, de moral, de julgamento rigoroso para aquele que não cumpre estas regras.

Contudo, a proibição do incesto é menos uma regra numa ordem antropológica que impede o casamento com a mãe, a irmã ou a filha do que a uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, a irmã e a filha. É a regra do dom por excelência. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 522)

A proibição do incesto estabelece não só o casamento, mas, também, e ao mesmo tempo, o parentesco. Com a decorrência, uma estrutura de parentesco por mais simples que seja, não pode se limitar jamais ao núcleo familiar constituído pura e simplesmente de um casal e seus filhos. Ela necessita incluir, desde o início, a relação entre aquele que cede a mulher (o irmão ou pai da noiva) e aquele que a recebe (o marido), pois é essa troca que provê o eixo em volta do qual as relações de filiação e de afinidade se compõem.

Segundo Lévi-Strauss (1976, p. 526) nada há na irmã, na mãe, nem na filha que as desqualifique enquanto tais. O incesto é socialmente absurdo antes de ser moralmente condenável.

Na obra de Nelson Rodrigues, *Álbum de Família*, o incesto é o tema central a de se observar que esse não é tratado como denúncia, não houve uma busca da lição moralista pela via do assombro. Por ser uma peça mítica, ocorre em um campo não distante da moralidade social vigente. A obra em questão propõe a análise de um homem fundamental, constituindo-se em um drama de raiz. A peça desenvolve-se tratando do homem a-histórico, e a-social, com todos os seus impulsos intactos.

O pai (Jonas), que deveria ser um homem de respeito para os padrões sociais e exemplo para seus filhos, transmitindo conhecimento e valores morais e éticos, opera ao contrário na trama, é um homem bruto, autoritário, agressivo, diabólico, despreza sua esposa, por desconfiar de traição, não respeita os filhos, também é apaixonado pela sua filha Glória. Para compensar esse amor irrealizável, estupra e engravida meninas de 12 a 16 anos na própria fazenda. No entanto, mesmo tendo relações sexuais com outras meninas, ainda é infeliz por esses atos sexuais não serem realizados com a sua filha (Glória), e seus desejos e vontades nunca são saciados, devido a ser com outras garotas.

A mãe (Dona Senhorinha), matriarca da família, é uma mulher aparentemente muito religiosa, se esconde por trás da religião, é tida como santa por um de seus filhos, porém, não é uma mulher normal para os padrões vigentes familiares, pois comete adultério com um de seus filhos, ocasionando o incesto, provocando assim uma desagregação familiar, além de ser uma mulher bonita, atraente, individualista e rebelde.

Guilherme (filho) seminarista, possui um amor platônico por sua irmã Glória, a qual a assassinou, acreditando que assim poderia a guardar e proteger do seu próprio pai, entretanto, para não cometer o pecado de a possuir castrou-se.

Edmundo (filho) casou-se por obrigação, um casamento arranjado e sem amor, não durou muito tempo, após a separação não se envolve com mais ninguém, por amar e desejar

sua mãe, a qual tem como santa, a idolatra, e por todos esses desejos e amor não serem correspondidos, tira sua própria vida, por se sentir rejeitado e traído pelo seu irmão Nonô.

Nonô (filho) após ter a primeira relação sexual com sua mãe, vive na loucura. E o diferente causa vergonha. Anda nu pelos arredores da fazenda, buscando pureza, vive a sua loucura para fugir da realidade. Nutre o ódio pelo pai e o amor incondicional pela mãe, a qual tem um caso.

Glória (filha) estudava no internato de freiras, foi expulsa por ser descoberta tendo relações sexuais com uma das meninas dentro do internato. Despertou o amor de seu irmão (Guilherme), além de ser amante de seu pai, tendo um amor incondicional pelo mesmo. Após a expulsão do internato e a volta ao lar surge uma série de tragédias, inclusive o seu próprio assassinato.

Tia Rute (Solteirona) é irmã de Dona Senhorinha, e a inveja, por sua beleza e por ter se casado com Jonas, porém relacionou-se sexualmente uma vez, quando estava embriagado. Uma mulher feia, amarga, cuida da fazenda e de todos da casa, nunca se casou, não desperta interesse dos homens, arranja moças virgens para Jonas.

Em síntese, *Álbum de Família* é uma obra despida de todos os pudores e conceitos morais, uma família onde todo o amor carnal e todo o ódio são restritos entre eles mesmo. Temos a mãe que deseja sexualmente um de seus filhos, tem afeto pelos seus outros dois filhos, porém odeia a filha. O pai ama a filha e odeia seus três filhos. A filha que é apaixonada pelo pai e odeia a mãe. O irmão que é apaixonado pela irmã e odeia o pai. Um filho que é apaixonado pela mãe e odeia o pai. Também temos um filho que vive na loucura, como um animal selvagem devido ter relações sexuais com sua mãe. Vemos nessa família praticamente todas as formas de incesto possíveis. E isso vai se remetendo em uma série de tragédias. Outros temas abordados são estupro e pedofilia, do patriarca da família. (RODRIGUES, 1994a)

Portanto, o incesto é uma das obsessões frequentes nas obras rodrigueanas, que põem suas personagens num embate trágico com seus desejos. A probabilidade de rompimentos com o tabu do incesto se faz sempre presente nas relações familiares rodrigueanas, mostra a miséria das personagens que rompem limites morais, incentivadas por desejos mais fortes que o interdito. (PORTO, 2008, p.18)

Ao mesmo tempo em que se aproxima do ideário trágico ao retratar famílias e personagens marcadas por uma espécie de sina, ou, numa concepção mais moderna, por estruturas psicológicas pelas quais parecem dominados, como nas tragédias do dramaturgo americano Eugene O'Neill, o teatro “desagradável” de Nelson Rodrigues distancia-se do

clássico grego justamente nesta opção claramente consciente pelo trabalho com “personagens-monstros” (MARTINS, 2008). Ao fugir da ideia do herói, homem mais perfeito do que o resto da humanidade, escolhido por Deus (ARISTÓTALES, 1997), ao passo que busca referências na Grécia Antiga, o dramaturgo aproxima-se novamente de Antonin Artaud e seu teatro da crueldade, formando uma inusitada mistura.

Todavia, os censores do período ditatorial da Era Vargas, porém, interditaram *Álbum de Família*, que não chegou aos palcos. O total desprezo da crítica especializada contribuiu para a destruição do autor, ao mesmo tempo em que daria partida à construção do mito de dramaturgo maldito que o acompanharia durante todo o desenrolar de sua carreira. Além das críticas de Alceu Amoroso Lima, antes seu fã confesso (ATHAYDE, 1994), o comentário de Álvaro Lins sobre a quantidade de incestos na peça colocava em xeque, pela primeira vez, a eficácia teatral do tema e a validade do próprio caráter trágico do enredo.

4 A FALECIDA E TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA: comparações

Nelson Rodrigues já é tradicionalmente conhecido como o dramaturgo do inconsciente. Segundo Martins (1981), Rodrigues incorpora à sua dramaturgia os elementos de psicanálise desenvolvidas por Freud, explorando um teatro que ele mesmo denominou de desagradável.

Com uma produção dramática marcada por rupturas de ordem temática e formal Nelson Rodrigues faz um teatro desagradável por construir conflitos em que os personagens não essencialmente entre em embate com outros personagens de ideias divergentes, mas consigo mesmo e seus desejos inconscientes, inaceitáveis pelos personagens quando afloram, se colocando numa situação de angústia e constituindo o conflito.

Peça escrita em 26 dias, na trama *A Falecida* inauguraria o novo projeto poético rodrigueano contando a história da frustrada Zulmira, mulher tuberculosa que compensa a falta de expectativas em vida com o sonho de um enterro de luxo. A obsessão por possuir um último ato cerimonioso de rainha é tão grande que ela chega a exigir o dinheiro necessário do marido Tuninho, desempregado, fanático por futebol e exímio gastador em mesas de sinuca. Como se pode perceber, a diegese passou do “qualquer lugar, qualquer tempo”, com a típica inflexão atemporal do teatro "desagradável", para a Zona Norte carioca dos anos 50. Desta forma, as personagens não representariam mais arquétipos nem se estruturariam como alegorias de algum sentimento escuso presente na alma dos indivíduos; o que Nelson Rodrigues começava a mostrar então, com todas as suas nuances e peculiaridades, era o cotidiano do Brasil. (MARTINS, 2008)

A família desta trama assim, como em *Álbum de Família* também é desestruturada, e os mesmos tem uma relação de amor e ódio, onde a personagem principal trai o seu marido, acreditando que está se vingando do mesmo, pois a traição do seu conjugue nunca foi comprovada é algo imaginário, levando-a ter desejo por vingança, tanto do seu esposo quanto da suposta mulher que o seu esposo se relacionou.

De acordo com D’Onofrio (1995), a essência do drama está no conflito desenvolvido na história. O conflito é criado por meios do choque de vontades opostas, no embate de distintos objetivos das personagens, causando surpresa e tensão, e esse conflito só pode haver através do diálogo entre essas duas personagens conflituosas, adversas, pois “[...] é a forma dialógica a característica mais marcante da arte dramática”. (D’ONOFRIO, 1995, p. 127)

Segundo Freud (1925), a atitude de condenar algo é o substituto intelectual do recalque, tendo o “não” como a sua marca. Para emitir juízos é imprescindível decidir se algo

possui ou não uma determinada característica e confirmar ou refutar se a representação psíquica de algo tem existência real. Entretanto, em *Álbum de Família* e também *A Falecida* podemos perceber que nas duas obras de Nelson Rodrigues acima citadas a estabilidade da chamada família tradicional manifesta é provocada e deixa marcas invisíveis na moral coletiva.

Na trama, *A Falecida* a morte é vista como acontecimento comum do dia a dia, apresentada de maneira fria. Conforme, Certeau (1998, p. 302): a biologia viu encontrar a morte imposta a partir de dentro – François Jacob: “Com a reprodução pela sexualidade, é necessário que desapareçam os indivíduos”. A morte é condição de possibilidade da evolução. Que os indivíduos percam o seu lugar; eis a lei da espécie.

A protagonista da trama de *A Falecida*, ocupa a posição do obsessivo. Pobre; sempre cuidou da casa. O marido então desempregado cuja maior preocupação é o futebol e a sinuca; a culpa pela traição ao marido; o olhar de condenação e indiferença que sua prima lhe confere. Todos esses fatores levam a personagem a pensar que sua única saída é mesmo a morte e, como diz Certeau (1998, p. 296): antes de tudo, diz Freud, os obsessivos necessitam da possibilidade da morte para resolver seus conflitos. Destarte, em *Álbum de Família*, os personagens também para resolverem seus conflitos incestuosos viram na morte a única saída.

Na trama *Toda Nudez Será Castigada*, Nelson Rodrigues conseguiu problematizar questões capitais do seu teatro com maior grau de complexidades: a família como símbolo do passado, a vontade de vida como marca trágica, a impossibilidade moderna, o ruído entre uma grave condição de morte e tantas peripécias melodramáticas, a lenda expressionista, o avanço do cômico (MARTINS, 2008). A peça ora é descrita como uma história de amor proibido entre um rico viúvo, Herculano e a prostituta Geni; ora como referência de um amor existente entre uma mulher experiente e um menino complicado. A decadência da família burguesa tradicional brasileira. (MAGALDI, 1994)

Entretanto, a trama *Em Toda Nudez Será Castigada*, também é marcada por intenso confronto entre os aspectos religiosos e puritanos e a sexualidade e o incesto. As referidas tragédias das peças de Nelson Rodrigues ressaltam os complexos insondáveis, as hipocrisias do moralismo vigente, a falta de “pudor” disfarçado de castidade doentia, os ódios ocultos que explodem em vinganças terríveis, o final em que a vida dos personagens implode de modo inapelável. Entretanto, possui ainda um vislumbre de esperança ao final, ainda que o caminho até lá seja dos mais tortuosos.

Álbum de Família, obra que trata de uma família tradicional e muito religiosa, esconde desejos, anseios e vontades por trás da religião. A beleza, o desejo insaciável pelo ato sexual,

a sede por vingança entre membros da mesma família, o incesto e a tragédia, são traços marcantes da família.

5 CONCLUSÃO

Percebemos em *Álbum de Família* que para a época de sua produção e também para os dias atuais o tema é divergente aos padrões sociais. Nelson Rodrigues apresenta uma nova forma de olhar essa problemática sociedade tradicional, religiosa e conservadora, exibindo nossas mazelas de uma forma muito mais ácida, inclusive o incesto, fator marcante desta obra, e a degradação da família. Pode-se observar também neste estudo, temas centrais como: amor, ódio, morte, incesto e tragédias os quais são comuns nas obras rodrigueanas.

Entretanto, no universo rodrigueano, o mal que irrompe na tragédia vem de um bem que se sustém até o limite por meio de consecutivas renúncias e que completa por não ser mais mantido. Acontece, então, uma corrupção superegóica que desencadeia os conflitos que vinham sendo negados. Na tragédia brasileira, conforme Nelson, o embate entre as antinomias vai em direção aos extremos: pureza (redenção) e impureza (traição); virgindade (remissão) e devassidão (incesto e traição); religiosidade (Deus) e blasfêmia (Satã e traição) - em consonância com os sentimentos individuais que se deliberam pela ambivalência, indo e vindo constantemente do polo da atração para a repulsão.

Portanto, Nelson Rodrigues é dono de um teatro não apenas marcado por certas obsessões ou ideias fixas que o tornavam, aos olhos da crítica do século passado, um dramaturgo mórbido ou monstruoso, mas também de um teatro cuja forma desrespeita as unidades de tempo e lugar do drama. O que mais surpreende em suas obras é o fato de trabalhar problemas da ordem do psicológico a partir das ações, do exterior das personagens, no entanto, revelando suas problemáticas internas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, F. M. R. F. **Com brasileiro não há quem possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- ARISTÓTELES. **Poética**. (trad. Jaime Bruna) São Paulo: Cultrix, 1997, p. 23.
- ATHAYDE, Tristão de. **Caminhos e Descaminhos**. In MAGALDI, Sábato (org.). **Teatro Completo de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 286.
- CAPRARO, A. M.; SANTOS, N. Nelson Rodrigues, leitor e escritor: diálogos, criatividade e erudição explícita nas crônicas futebolísticas. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 405-413, 2014.
- CASTRO, R. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CORRÊA, L. M. P. **Nelson Rodrigues**: a reportagem policial no teatro e crônica, 2011. 70f. Monografia (Graduação em Comunicação Social e Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação – ECO, 2011.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2**: teoria da lírica e do drama. São Paulo, Ática, 1995.
- FACINA, A. **Santos e canalhas**: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Nelson Rodrigues**. 2016. Disponível em: http://www.ebiografia.com/nelson_rodrigues/. Acessado em: 25 de maio de 2019.
- FREUD, Sigmund. (1925) A negativa. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Coord. Geral da tradução Luiz Alberto Hanns. vol 3. Rio de Janeiro, Imago, 2004. p. 145-157.
- FREYRE, G. **O negro no futebol brasileiro**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FREYRE, G. **O reacionário**: memórias e confissões. Rio de Janeiro: Record, 1977.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Las Estructuras elementares de parentesco**. Barcelona: Paidós, 1988.

LIMA, E. B. de. **Arquivos censurados de Nelson Rodrigues**: uma leitura crítica nas redes da criação. 2016. 173f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MAGALDI, Sábato. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MARTINS, Cássia Peres. A Falecida: posição sujeito e autoria no teatro e no cinema. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 20, n. 28, p. 1-17, mar. 2018.

MARTINS, J. G. D. **Nelson Rodrigues e sua cena**: teatro da dupla tensão, cinema da síntese. 2008. 513f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARTINS, Maria Helena Pires. **Nelson Rodrigues**: seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Maria Helena Pires Martins. São Paulo, Abril Educação, 1981.

MOREIRA, F. M. **A miséria inconfessa em cada um de nós**: uma análise das relações entre os folhetins de Nelson Rodrigues com o suporte jornalístico. 2016. 123f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

PONTES, A. M. O tabu do incesto e os olhares de Freud e Lévi-Strauss. **Trilhas**, Belém, nº 1, p. 7-14, jul. 2004.

PORTO, M. D. **Da canalhice à redenção**: Nelson Rodrigues e o Superou Brasileiro. 2008, 207f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2008.

PRATT, M.; VESCIO, L. E.; SANTOS, P.B. **Literatura & história: perspectivas e convergências**. Bauru: Edusc, 1999.

RODRIGUES, Nelson. **À sobra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **Álbum de Família**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a, p. 519.

RODRIGUES, Nelson. **Anti - Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b, p. 471.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994c.

RODRIGUES, Nelson. **O profeta tricolor: cem anos de Fluminense**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

VOGEL, D. I. **Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues**. 1997. 308f. Dissertação (Mestrado em Letras Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.